



MACHAZE:

Guerra de reconstr

• Como agem os bandos da “África Livre”

Neste segundo trabalho dedicado à reconstrução de Machaze, referimo-nos a alguns dos crimes praticados pelos bandos da chamada «África Livre».

O entardecer empresta ao horizonte tonalidades vermelho-escuras — exactamente a mesma cor deste sangue que escorre ainda pelas faces, através dos seios mal encobertos pela capulana, até à cinta das três mulheres em nossa presença. O lenço, atado em volta da cabeça, mal consegue esconder as feridas que ficaram no lugar

das orelhas que, pouco antes, lhes foram decepadas por um grupo de homens armados...

Há três semanas, elas vivem em Machaze. Conseguiram abandonar a sua aldeia quando as FPLM realizaram uma operação de limpeza contra os bandos da «África Livre» que aí afectavam a tranquilidade da população. Além de se-



gurança, elas têm agora em Machaze, água, moagem, serviços de saúde e outras facilidades sociais. Contudo, ainda não começaram a abrir novas machambas e por isso, é necessário de vez em quando, ir à antiga aldeia, às machambas, para trazer comida. Foi isso que aconteceu naquela quarta-feira a Manhasse Mukanda, Isabel Nhamunda e Nedi Maphossa. Logo pela manhã, elas partiram para Nhamboa. Já tinham enchido os cestos com mapira, castanha e hortaliça, quando três homens armados, as interpelaram. Manhasse conta o que se passou a seguir:

— Perguntaram-nos se conhe-

cíamos um certo funcionário desta Administração, cuja família vive em Nhamboa. Eles queriam exercer represálias sobre os familiares e, por isso, nós dissemos que não o conhecíamos. Quiseram seguidamente, saber porquê é que nós tínhamos vindo residir em Machaze, em vez de termos fugido para Chifusse (localidade de Tuco Tuco), onde colaboraríamos com eles. Nós nada respondemos. Logo, disseram que nós éramos agentes das Forças Populares, sacaram de navalhas e cortaram-nos as orelhas. «Levem isto para mostrarem aos vossos amigos comunistas» — disseram.



icão

2

Texto:
A. Lopes
Fotos:
Luís Souto

Três das vítimas mais recentes da acção dos bandos da chamada «África Livre», quando acabavam de chegar à sede da localidade de Machaze



Mas este não é o único episódio de violência e terror dos crimes praticados pelos grupos armados da «África Livre». No primeiro bairro, vive um casal idoso, a quem igualmente deceparam as relhas. Eles são mesmo criminosos: repete o velho, depois de nos expor as circunstâncias em que tal lhes sucedeu.

Josefa Pande, que vive em Chibbe há três meses, conta-nos que, para que a sua mulher, que é membro da OMM, não fosse maltratada, pagou 500 Meticais ao antigo régulo da sua aldeia — actualmente agente principal e colaborador dos bandidos. Por sua vez, Ngimo Mtumama, natural de Sechene, acrescenta novos dados sobre a actuação dos grupos armados: Um dia, eles entraram em minha casa. Traziam o nome do meu filho, escrito num papel e foi por ele que perguntaram. (Ele é

membro das FPLM). Respondi-lhes que não sabia do seu paradeiro. Assim, começaram a espancar-me e depois levaram à força todos os meus bens, incluindo o vestuário e 2 500 Meticais em dinheiro. Depois, ordenaram que passasse a viver no mato, não em minha casa, caso contrário, seria morto pelas Forças Populares — segundo eles. Eu sabia que apenas os bandidos assassinam pessoas; por isso, mal ouvi dizer que as nossas forças estão em Machaze a apoiar os trabalhos de reconstrução, peguei na família e vim instalar-me aqui.

VIDA SUB-HUMANA

Nas zonas ainda não completamente limpas da acção dos bandos da «África Livre», a população vive em condições sub-humanas tanto em questão de alimentação, co-

mo do próprio alojamento. Mary Magumissa e Emereta Juliasse, naturais de Nhaunezi, testemunharam que, logo pela manhã, eram obrigadas a retirar-se para a mata, em redor das suas casas. Lá viviam sem fazerem ruído, evitando serem detectadas quer pelos bandidos quer pelas Forças Armadas Moçambicanas. Não queríamos ser confundidas com os bandidos pelas Forças da FRELIMO, nem queríamos ser apauhadas pelos bandidos, confessam. Além disso o inimigo tem vindo a desenvolver uma intensa propaganda entre as pessoas mais despolitizadas, para as levar a crer que serão presas se se mostrarem às FPLM.

Mas nem todos acreditam em tais mentiras. Samuel Zibande, dá-nos um exemplo de resistência à propaganda da reacção. Acabava de regressar, em Junho passado, da República da África do Sul,

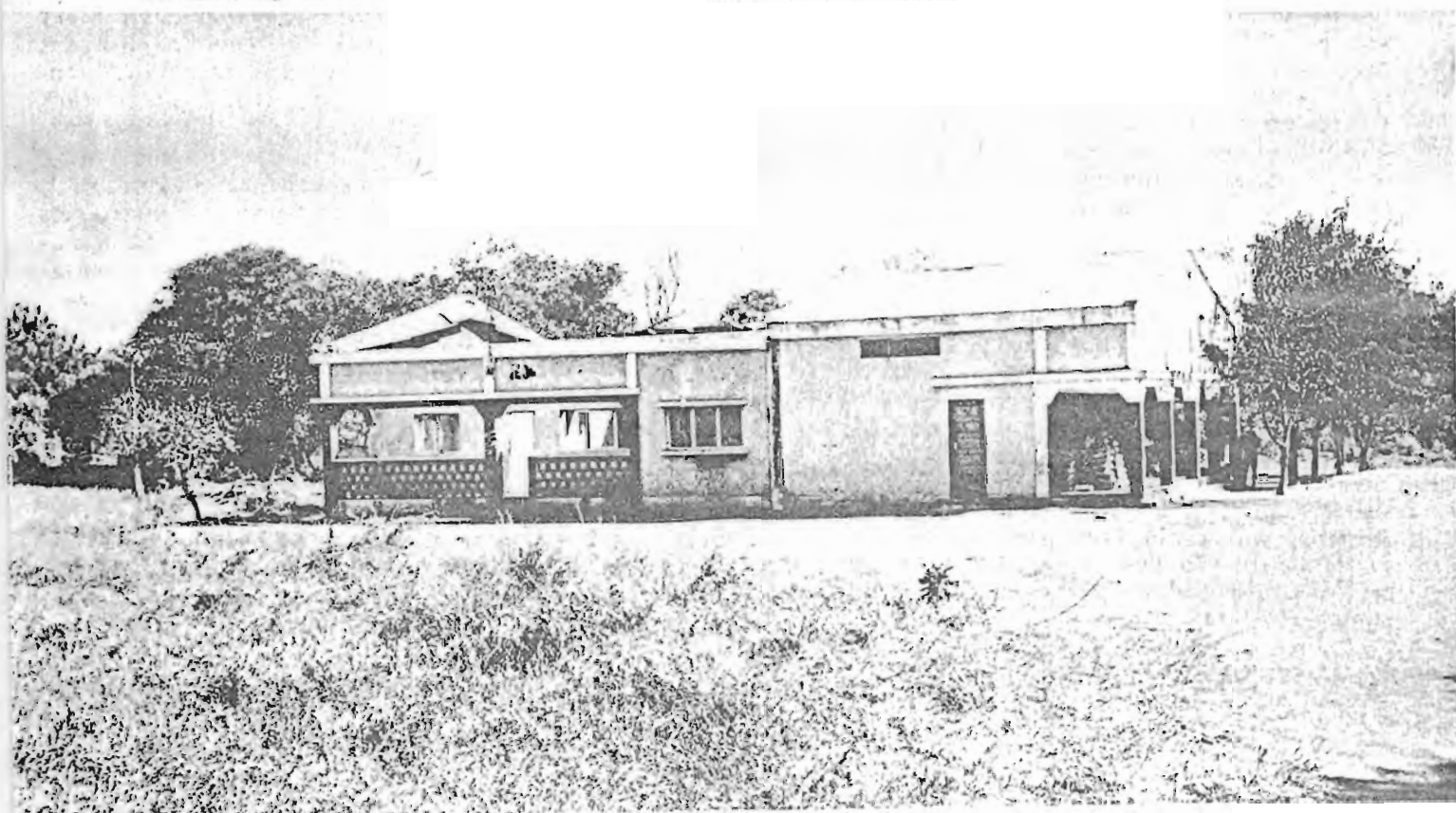


Da esquerda para a direita: Isabel Nhamunda, Manhasse Mukanda e Nedi Maphossa: as mulheres a quem cortaram orelhas

quando os bandidos o visitaram. Primeiro, foi o antigo régulo e outros colaboradores que o abordaram para que contribuísse com géneros ou algum dinheiro para alimentar os grupos armados. Recusou-se terminantemente. **Disse-lhes que eu já dava imposto e outras contribuições ao nosso Estado e não conheço dois governos em Moçambique.** Foram queixar-se ao seu chefe que mandou, numa primeira fase, que lhe fossem confiscados todos os bens. Noutro dia, um grupo de doze elementos armados, voltou a sua casa. Levou-lhe trinta e cinco mil meticais em dinheiro e o resto dos artigos de uso doméstico, fruto do seu trabalho nas minas do Jone. Pela terceira vez, ordenaram-lhe que saísse da aldeia a fim de viver no mato. Recusou-se a sair até que o ameaçaram de morte.

Entretanto, chegaram as Forças Populares e pediu para vir com elas até Machaze, onde vive presentemente. Durante as primeiras semanas desta acção das FPLM, centenas de pessoas afluíam diariamente à sede desta localidade, onde encontram abrigo e benefícios sociais. À medida que a acção das nossas Forças Armadas se estende por novas áreas, vão sendo criadas novas condições de segu-

Em baixo: Loja do Povo destruída durante um ataque armado contra a localidade de Machaze, há um ano





Viatura destruída, há poucos meses, por uma mina no distrito de Mossurize

rança e de vida aceitáveis. Por exemplo, moto-bombas acompanham quase sempre as colunas militares, por causa dos problemas de água que se fazem sentir em grande parte do distrito de Mossurize. Os efeitos desta maneira de actuar não se fazem esperar. Conforme pudemos constatar em Machaze, há uma ligação estreita entre as Forças Armadas Moçambicanas e a população.

COLABORAÇÃO ESTREITA FPLM-POPULAÇÃO

Diariamente, de tempos a tempos, chega um mensageiro com notícias sobre a situação inimiga. Foi detectado um grupo armado a roubar comida à população. Uma força nossa para lá, imediatamente, ordena o comandante. E, o mensageiro parte, visivelmente aliviado. Uma mulher, muita nova, também se aproxima, timidamente, para informar que o seu marido



Samuel Zibande: «Eu disse-lhes que só conheço o Governo da República Popular de Moçambique»



Samuel Maphessa: miliciano que, sozinho e desarmado, neutralizou dois agentes do inimigo



Enquanto se preparam as condições para um futuro mais feliz, as crianças de Macaze também brincam, em baloiços improvisados

armado, fugiu do seu grupo de bandidos, e está lá em casa, fechado, com medo de se render. Dão-lhe uns panfletos a explicar que as forças de Defesa e Segurança não lhe vão fazer nenhum mal, e ela parte, confiante, acompanhada do sogro. A noitinha, também

chegam emissários, montados em bicicletas, informar sobre qualquer movimentação suspeita, detectada na zona.

Com tudo isto, a vida em Machaze adquire um ritmo novo. Ao mesmo tempo que se constroem os alicerces de uma futura cidade, ini-

cia-se o combate contra as ideias erradas, constrói-se o poder popular. Criam-se as condições para que o combate, à fome, à ignorância, à miséria se possa fazer com eficácia, em paz, com determinação.

□